



EXTENSÃO QUE FLORESCE: PEDAGOGIAS DA TERRA VIVA E APRENDIZAGENS DA INFÂNCIA NA CASA ENCANTADA

EXTENSION THAT BLOOMS: PEDAGOGIES OF LIVING EARTH AND CHILDHOOD LEARNING AT CASA ENCANTADA

Natércia Filomeno Elias Moçambique

Discente de Agronomia-Universidade da Integração Internacional da Lusofonia
Afro-Brasileira (Unilab) – Redenção, Ceará, Brasil

naterciafilomeno0@gmail.com

<http://lattes.cnpq.br/8302448851403006>

Maria Ivanilda Aguiar

Docente- Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira
(Unilab) – Redenção, Ceará, Brasil

ivanilda@unilab.edu.br

<http://lattes.cnpq.br/5455983813192128>

Jeannette Filomeno Pouchain Ramos

Docente- Universidade Federal do Ceará (UFC), campus de Fortaleza, Ceará, Brasil

jeannette@ufc.br

<http://lattes.cnpq.br/6957831782058108>

RESUMO

O artigo analisa as práticas formativas e os impactos pedagógicos do eixo ambiental do projeto *Práticas Agroecológicas na Infância: cultivando um futuro sustentável*, desenvolvido na Casa Encantada, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), como experiência de integração entre ensino, pesquisa e extensão. O estudo parte da problematização de como as ações extensionistas podem contribuir para o fortalecimento de aprendizagens significativas na infância a partir de saberes tradicionais e práticas agroecológicas. Com o objetivo de compreender de que forma a vivência das crianças com a terra, o cultivo e a sustentabilidade podem promover consciência ecológica e cidadania ambiental. Metodologicamente, trata-se de uma pesquisa qualitativa com abordagem participativa, desenvolvida ao longo do ano de 2024, com dois encontros semanais, durante as atividades do projeto realizado em quatro bimestres, integrando os temas “Povos Originários”, “Corpo e Estilo”, “Terra e Vida” e “Infância e Sociedade”. As ações incluíram oficinas de agroecologia, compostagem, criação de exsicatas, feiras e sistemas de irrigação sustentável. Os resultados evidenciam o desenvolvimento de atitudes críticas e colaborativas entre as crianças, o fortalecimento da identidade cultural e a ampliação do diálogo entre universidade e comunidade. Conclui-se que a extensão universitária, quando ancorada em pedagogias da terra viva, torna-se um campo fértil para o florescimento de práticas educativas transformadoras e socialmente relevantes.

Palavras-chave: Extensão universitária; Agroecologia; Saberes tradicionais; Educação ambiental.

ABSTRACT

This article examines the formative practices and pedagogical impacts of the environmental axis of the Agroecological Practices in Childhood: Cultivating a Sustainable Future project at *Casa Encantada*, linked to the *Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira* (UNILAB), as an integrative experience of teaching, research, and extension. The study aimed to examine how extension activities can foster meaningful childhood learning grounded in traditional knowledge and agroecological practices. Its objective was to explore how children's engagement with the land, cultivation, and sustainability can promote ecological awareness and environmental citizenship. Methodologically, this qualitative participatory study was conducted throughout 2024, with two weekly sessions across four bimesters, covering the themes "Indigenous Peoples," "Body and Style," "Land and Life," and "Childhood and Society." Activities included agroecology workshops, composting, creation of exsiccatae, educational fairs, and sustainable irrigation systems. Results indicate the development of critical and collaborative attitudes, the strengthening of cultural identity, and enhanced dialogue between the university and the community. The study concludes that university extension, anchored in land-based pedagogies, provides fertile ground for transformative and socially relevant educational practices.

Keywords: University extension. Agroecology. Traditional knowledge. Environmental education.

INTRODUÇÃO

O presente artigo apresenta a experiência desenvolvida no eixo ambiental do projeto Casa Encantada, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab), no município de Redenção, Ceará. A ação extensionista integra o conjunto de práticas formativas voltadas para o diálogo entre universidade e comunidade, tendo como foco o tema “Práticas agroecológicas na infância: cultivando um futuro sustentável”. Essa proposta emerge da necessidade de repensar a relação entre infância, natureza e sustentabilidade, reconhecendo as crianças como sujeitos ativos na construção de novos modos de compreender e cuidar da vida.

A problemática central que orienta este estudo parte da seguinte questão:

De que forma as práticas agroecológicas vivenciadas pelas crianças no contexto da Casa Encantada podem contribuir para a formação de valores socioambientais e para o fortalecimento de uma cultura de sustentabilidade?

Essa indagação se insere no campo da educação ambiental crítica, compreendida como um processo emancipador e transformador que ultrapassa a dimensão informativa, promovendo a conscientização ecológica e a autonomia dos sujeitos (Carvalho, 2008). Ao mesmo tempo, fundamenta-se na pedagogia freireana, que reconhece a aprendizagem como ato dialógico, político e libertador, no qual o conhecimento se constrói na interação entre sujeitos e mundo (Freire, 1996).

No âmbito da extensão universitária, o projeto articula-se aos princípios da Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012) e da Resolução CNE/CES nº 7/2018, que estabelecem a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, e a relevância social das práticas educativas comprometidas com a transformação da realidade. Assim, as atividades desenvolvidas com as crianças na Casa Encantada como a Feira Agroecológica Infantil, as oficinas de compostagem, a confecção de exsiccatas, o plantio do milho híbrido e a criação de sistemas de irrigação sustentável configuram-se como experiências significativas que promovem aprendizagens vivas, ligadas à terra, à cultura e à coletividade.

A relevância social e educacional deste estudo reside na capacidade de integrar saberes tradicionais, agroecologia e pedagogias da infância em um mesmo campo de formação, fortalecendo a construção de um futuro sustentável. As práticas extensionistas se apresentam, portanto, como espaços de resistência e reencantamento do mundo, onde a terra é compreendida

não apenas como recurso, mas como território de pertencimento e de aprendizado. Nesse sentido, a perspectiva de Edgar Morin (2000) sobre a complexidade contribui para compreender a educação ambiental como um sistema vivo, interconectado e inacabado, em que a ética do cuidado e o pensamento ecológico se entrelaçam.

Metodologicamente, o artigo baseia-se em uma abordagem qualitativa e participativa, desenvolvida ao longo do ano de 2024, com dois encontros semanais na Casa Encantada. As observações, registros e reflexões produzidos durante as atividades formam o corpus empírico da pesquisa, que busca compreender os sentidos atribuídos pelas crianças e educadores às práticas agroecológicas e suas repercussões na formação cidadã e ambiental. Assim, a investigação propõe-se a analisar as contribuições do projeto para a construção de pedagogias da terra viva, capazes de cultivar nas infâncias as sementes de um futuro mais justo, diverso e sustentável.

FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

O arcabouço teórico deste estudo fundamenta-se nas práticas agroecológicas na infância, a partir de uma perspectiva crítica, dialógica e interdisciplinar. A proposta ancora-se nos princípios da educação popular de Paulo Freire, que compreende o ato educativo como um processo de libertação e conscientização (Freire, 1996), e na educação ambiental crítica, defendida por autores como Carvalho (2008) e Guimarães (2004), que enfatizam o caráter transformador das relações entre o ser humano e o ambiente. Ambas as abordagens inspiram a construção de experiências pedagógicas comprometidas com a autonomia, o respeito à diversidade e o cuidado com a vida em todas as suas formas.

Sob a ótica freireana, a educação é compreendida como um ato político e amoroso, que parte da realidade concreta dos sujeitos e busca promover a transformação social. Ao aproximar-se das práticas agroecológicas, essa pedagogia da libertação assume um papel de resistência à lógica dominante do consumo e da fragmentação do saber, estimulando o diálogo entre os conhecimentos científicos e os saberes tradicionais. Nesse sentido, o projeto Casa Encantada expressa, na prática, a pedagogia freireana da autonomia, ao possibilitar que as crianças se tornem protagonistas de suas aprendizagens, desenvolvendo uma consciência ecológica e social crítica por meio do fazer coletivo, da observação da natureza e da construção de sentidos sobre o mundo que as cerca.

A educação ambiental crítica, conforme Carvalho (2008), propõe a superação da visão conservadora que reduz a questão ambiental a comportamentos individuais, destacando a dimensão ética, política e coletiva da sustentabilidade. Na Casa Encantada, essa abordagem se manifesta na forma como as crianças experimentam o cuidado com a terra, a observação da biodiversidade e a reflexão sobre o papel do ser humano na natureza. As práticas agroecológicas, como o plantio do milho híbrido, a criação de exsicatas e o manejo do solo, tornam-se oportunidades para compreender os ciclos vitais e a interdependência entre os seres. Assim, o aprendizado ultrapassa o conhecimento técnico, configurando-se como uma vivência sensível e transformadora, em que o brincar e o cuidar se fundem na construção de valores éticos e ambientais.

A interdisciplinaridade também se revela um eixo estruturante da proposta. Morin (2000) ressalta que compreender a complexidade da realidade exige integrar diferentes campos do saber, reconhecendo as interdependências que constituem o mundo vivo. No contexto da infância, essa perspectiva se traduz em experiências significativas, nas quais o brincar, o experimentar e o dialogar tornam-se estratégias de aprendizagem e de formação integral. Assim, o saber ambiental é vivenciado como uma prática sensível e coletiva, que articula arte, ciência, cultura e afetividade, rompendo com a fragmentação do conhecimento e promovendo a compreensão da natureza como um todo vivo e relacional.

No campo da extensão universitária, a Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012) e a Resolução CNE/CES nº 7/2018 orientam as ações de extensão no ensino superior, destacando sua natureza educativa, cultural, científica e política. Esses marcos regulatórios reforçam a importância da interação dialógica entre universidade e comunidade, princípio materializado no projeto Casa Encantada, que se constitui como um espaço de aprendizagem compartilhada e transformação social. Ao articular ensino, pesquisa e extensão, o projeto reafirma o papel formativo da universidade pública na construção de sociedades mais justas e sustentáveis, fortalecendo a autonomia dos sujeitos e o vínculo entre conhecimento acadêmico e saberes populares.

Desse modo, a fundamentação teórica que sustenta este trabalho evidencia que a construção de práticas agroecológicas na infância não se limita à transmissão de conhecimentos ecológicos, mas envolve a formação de uma consciência crítica e coletiva voltada para a

sustentabilidade e o cuidado com a vida. A integração entre teoria e prática, universidade e comunidade, ciência e cultura, constitui o alicerce de uma pedagogia da terra viva, em que o ato de aprender está profundamente ligado ao ato de viver e de transformar. Nessa perspectiva, a Casa Encantada emerge como um espaço de encantamento e resistência, onde as infâncias florescem junto à natureza, aprendendo a cuidar do mundo e a reinventar formas mais solidárias e sustentáveis de existir.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

O presente estudo caracteriza-se como uma pesquisa qualitativa, descritiva e de caráter participante, desenvolvida no âmbito do projeto Práticas agroecológicas na infância, cultivando um futuro sustentável desenvolvido na Casa Encantada, vinculado à Universidade da Integração Internacional da Lusofonia Afro-Brasileira (Unilab). A proposta foi realizada nas instalações do Centro Integrado de Ações para o Desenvolvimento (CIADI), entre janeiro e dezembro de 2025, com crianças de 4 a 10 anos de idade, participantes de atividades educativas voltadas à educação ambiental e práticas agroecológicas.

A metodologia adotada se fundamenta nos princípios da pesquisa participante e da extensão universitária, conforme orientações do FORPROEX (2012) e da Resolução CNE/CES nº 7/2018, que compreendem a extensão como processo educativo, cultural e científico, articulando ensino e pesquisa de forma indissociável (Brasil, 2018). Assim, a construção do conhecimento ocorreu em diálogo constante entre universidade e comunidade, valorizando os saberes locais e a aprendizagem pela experiência.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados foram a observação participante (Gil, 2008), o registro fotográfico e as anotações em diário de campo (Minayo, 2014) que permitiram acompanhar as interações, as descobertas e os significados atribuídos pelas crianças às atividades. As observações foram realizadas durante os encontros semanais, nos quais ocorreram oficinas de plantio, compostagem, produção de exsiccatas, experimentos de irrigação com materiais recicláveis, construção de teias alimentares, atividades sobre culturas alimentares e organização de feiras agroecológicas.

O universo da pesquisa compreendeu 15 crianças, acompanhadas por uma bolsista e extensionistas da Unilab. As atividades foram planejadas de modo a integrar dimensões

cognitivas, socioemocionais, culturais e ambientais, promovendo aprendizagens significativas por meio do diálogo, da ludicidade e do fazer coletivo. Para a análise dos dados, adotou-se uma abordagem interpretativa e reflexiva, buscando compreender os sentidos das práticas a partir das observações e dos registros produzidos. A análise foi guiada pelos princípios da educação popular (Freire, 1996) e da educação ambiental crítica (Carvalho, 2008; Guimarães, 2004), relacionando teoria e prática na construção de uma leitura crítica da realidade. Desse modo, os resultados apresentados refletem não apenas as ações realizadas, mas também os processos formativos e os aprendizados gerados pela vivência no espaço da Casa Encantada.

RESULTADOS E DISCUSSÃO

Os resultados alcançados com as ações do Eixo Ambiental da Casa Encantada demonstram que as práticas agroecológicas, quando vivenciadas na infância, potencializam a construção de saberes ambientais e sociais de forma crítica, sensível e participativa. As atividades desenvolvidas entre janeiro e dezembro de 2024, com encontros semanais no contraturno escolar, integraram dimensões cognitivas, afetivas e culturais, articulando ensino, pesquisa e extensão.

O processo revelou um avanço notável na compreensão das crianças sobre o papel do ser humano na natureza, além de despertar valores de solidariedade, empatia e corresponsabilidade. Os resultados são apresentados conforme os quatro bimestres temáticos, que estruturam o percurso formativo do projeto.

O 1º primeiro bimestre, com o tema “Povos Tradicionais”, promoveu o reconhecimento das culturas indígenas, quilombolas e africanas como guardiãs de saberes ancestrais e práticas sustentáveis. As atividades incluíram rodas de histórias, pintura com pigmentos naturais, confecção de miniaturas de ocas e preparo de alimentos típicos, como o beiju e o iogurte de imbondeiro, tradicional em Moçambique.

Durante as conversas, as crianças expressaram encantamento e curiosidade: “Mas tia, como que as sementes tão pequenas podem fazer tanto barulho, e eles plantam o próprio milho, não compram no supermercado como a gente? A natureza é bonita demais, tia!”

Essas falas revelam o despertar da curiosidade científica e o reconhecimento da importância de respeito às diferenças. Ao participarem da Feira Agroecológica Infantil, compreenderam de forma concreta a origem dos alimentos e a importância da produção local e

sustentável. Essas vivências não apenas educaram a mim como bolsista, mas também “encantou as crianças, despertando nelas o desejo de se tornarem defensoras do meio ambiente”. Assim, o projeto concretizou os princípios da educação popular freireana, na qual a aprendizagem se constrói pelo diálogo e pela experiência.

O 2º bimestre, intitulado “Corpo e Estilo”, aprofundou a compreensão das crianças sobre diversidade, identidade e interdependência entre corpo, natureza e sociedade. As atividades de compostagem e teias alimentares possibilitaram uma visão integrada da vida, conectando a dimensão biológica às dimensões social e ética.

Durante as simulações, as crianças questionaram o papel dos pequenos organismos no equilíbrio do ambiente, demonstrando uma leitura cada vez mais complexa dos processos naturais. Uma delas perguntou: “Mas tia, como que o cogumelo, mesmo sendo tão pequeno, pode ser um dos mais importantes decompositores? Como ele come seres maiores que ele?”

Essas falas revelam o despertar da curiosidade científica e o reconhecimento da importância de cada ser no equilíbrio ecológico. Ao refletirem sobre a teia alimentar e participarem da Feira Agroecológica Infantil, compreenderam de forma concreta a origem dos alimentos e a importância da produção local e sustentável. Enquanto bolsista, pude reconhecer a diversidade cultural e social que influencia a vida das crianças. Isso me fez valorizar ainda mais a inclusão e o respeito às diferenças, entendendo que cada criança traz uma bagagem única. Essas experiências estão em consonância com Morin (2000), que defende o pensamento complexo e a necessidade de integrar diferentes saberes na formação humana.

No 3º bimestre, com o tema “Terra e Vida”, as ações se voltaram à criação de exsiccatas e à preservação ambiental. As atividades envolveram a coleta, secagem e catalogação de plantas locais, como o pinhão-roxo (*Jatropha gossypifolia* L.), o que despertou nas crianças a curiosidade científica e o senso de responsabilidade ecológica.

As crianças compreenderam o processo científico por trás da preservação das espécies e reconheceram o papel fundamental das plantas no equilíbrio ambiental. Esse aprendizado dialoga diretamente com Carvalho (2008) e Guimarães (2004), que defendem uma educação ambiental crítica capaz de formar sujeitos ecológicos conscientes. A reflexão coletiva sobre o cuidado com a terra, o consumo consciente e a valorização das espécies nativas reforçou a dimensão ética e

afetiva do projeto, mostrando que a sustentabilidade se constrói também nas pequenas ações cotidianas.

O 4º bimestre, “Infância e Sociedade”, marcou o encerramento do ciclo com a integração das aprendizagens anteriores. As atividades de construção de um sistema de irrigação com garrafas PET e plantio de milho híbrido promoveram o desenvolvimento de habilidades práticas, cognitivas e sociais.

As crianças aprenderam sobre o uso consciente da água, a reutilização de materiais e o ciclo de vida das plantas. Além disso, desenvolveram competências de cooperação, autonomia e resolução de problemas. Como relatou uma das participantes: “A gente cortou as garrafas, fez furinhos e viu que dá pra molhar a terra sem gastar tanta água.”

Aprendi muito sobre o papel das crianças na sociedade e a importância dessa fase na formação do ser humano. Percebi como as experiências que vivemos na infância moldam nossa identidade e valores. De modo geral, os resultados evidenciam que o projeto Casa Encantada consolidou-se como um espaço de aprendizagem significativa e emancipatória, onde teoria e prática se entrelaçam na construção coletiva do conhecimento.

As falas das crianças expressam não apenas assimilação de conteúdos, mas também mudanças de percepção e atitude diante do ambiente. As experiências vivenciadas mostraram que a educação ambiental, quando mediada pelo diálogo e pela ludicidade, é capaz de despertar o senso crítico, o amor pela natureza e o compromisso com o cuidado coletivo. Assim, a Casa Encantada se revela como um território educativo e afetivo que concretiza os princípios freireanos e os objetivos da extensão universitária: transformar realidades por meio do encontro entre saberes e pessoas.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O projeto Práticas agroecológicas na infância, cultivando um futuro sustentável, desenvolvido no âmbito do Eixo Ambiental, reafirma a potência transformadora da extensão universitária quando articulada à educação popular, à agroecologia e à infância. As ações realizadas revelaram que o aprender com a natureza e sobre a natureza pode ser, ao mesmo tempo, um exercício de cidadania, sensibilidade e construção coletiva do conhecimento.

Os resultados demonstraram que as práticas agroecológicas, quando vivenciadas pelas crianças, favorecem a formação de uma consciência crítica e ecológica, fortalecendo vínculos afetivos com a terra e promovendo aprendizagens significativas que integram saberes científicos, culturais e populares. A escuta atenta das crianças e a valorização de suas falas mostraram que a curiosidade infantil é um ponto de partida fértil para desenvolver o pensamento reflexivo e o respeito pela diversidade da vida.

O projeto também contribuiu para a formação docente e extensionista, pois possibilitou à educadora repensar suas práticas e compreender a importância do diálogo, da ludicidade e da interdisciplinaridade no processo educativo. A experiência resgatou o sentido da educação como prática da liberdade, defendida por Freire (1996), ao colocar o conhecimento a serviço da transformação social e da emancipação humana.

Entre os impactos observados, destacam-se o fortalecimento dos vínculos entre universidade e comunidade, a ampliação da consciência ambiental das crianças e a construção de uma cultura de cuidado coletivo. A Casa Encantada tornou-se um espaço de aprendizagem partilhada, em que o brincar, o plantar e o cuidar se transformaram em gestos políticos e educativos.

Como toda ação extensionista, o projeto enfrentou desafios, como limitações de infraestrutura e recursos materiais. No entanto, essas dificuldades foram superadas pela criatividade e pelo envolvimento afetivo dos participantes, reafirmando o caráter colaborativo e comunitário da proposta.

Conclui-se, portanto, que o projeto *Práticas Agroecológicas na Infância: cultivando um futuro sustentável*, desenvolvido na Casa Encantada, traduz, em sua essência, a indissociabilidade entre ensino, pesquisa e extensão, defendida pela Política Nacional de Extensão Universitária (FORPROEX, 2012) e pela Resolução CNE/CES nº 7/2018. Mais do que um relato de atividades, este trabalho expressa um processo vivo de educação ambiental crítica, em que crianças, educadores e comunidade aprendem uns com os outros, reafirmando a universidade pública como espaço de transformação social, sustentabilidade e esperança.

REFERÊNCIAS

BRASIL. Ministério da Educação. Conselho Nacional de Educação. **Resolução CNE/CES nº 7, de 18 de dezembro de 2018**. Estabelece as Diretrizes para a Extensão na Educação Superior Brasileira. Diário Oficial da União, Brasília, 19 dez. 2018. Disponível em: <https://www.in.gov.br/en/web/dou/-/resolucao-cne-ces-n-7-de-18-de-dezembro-de-2018-203678658>. Acesso em: 23 out. 2025.

CARVALHO, I. C. M. **Educação ambiental**: a formação do sujeito ecológico. São Paulo: Cortez, 2008.

FÓRUM DE PRÓ-REITORES DAS INSTITUIÇÕES PÚBLICAS DE EDUCAÇÃO SUPERIOR BRASILEIRAS (FORPROEX). **Política Nacional de Extensão Universitária**. 2012.

FREIRE, P. **Pedagogia da autonomia**: saberes necessários à prática educativa. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GUIMARÃES, M. **A formação de educadores ambientais**. Campinas: Papirus, 2004.

MORIN, E. **Os sete saberes necessários à educação do futuro**. Tradução de Catarina Eleonora F. Silva e Jeanne Sawaya. São Paulo: Cortez, 2000.